



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.42.116.A007>

Adolescer no Contexto Rural: construção identitária e tecnologias da informação e comunicação

*Adolescence in the rural context: identity construction and information and
communication technologies*

*La adolescencia en el contexto rural: construcción de identidad y tecnologías de la
información y la comunicación*

Catiele dos Santos
Universidade Federal de Santa Maria
<https://orcid.org/0000-0002-1900-0735>
catiele.santos@acad.ufsm.br

Adriane Roso
Universidade Federal de Santa Maria
<https://orcid.org/0000-0001-7471-133X>

Flavi Lisboa Filho
Universidade Federal de Santa Maria
<https://orcid.org/0000-0003-4307-9401>

Emanuel Chiamenti Pedroso
Universidade Federal de Santa Maria
<https://orcid.org/0000-0002-5258-0815>

Ana Luiza Dalcanal
Universidade Federal de Santa Maria

<https://orcid.org/0000-0003-0721-1129>

Resumo

Este estudo teve por objetivo analisar como as Tecnologias da Informação e Comunicação que participam da construção identitária de adolescentes que vivem na zona rural, identificando como o adolescer é concebido pelos mesmos. Em específico, buscou-se verificar os impactos dessas tecnologias no cotidiano dessas pessoas, no que tange aos usos e apropriações e os possíveis efeitos sobre as relações interpessoais. Utilizou-se entrevistas semiestruturadas junto a estudantes que moram no contexto rural e cursam o ensino médio. A discussão e as análises sustentaram-se em teóricos dos Estudos Culturais e da Teoria das Representações Sociais. Verificou-se que as tecnologias participam da construção identitária dos participantes, uma vez que sua apropriação ocorre para além do uso relacionado ao âmbito educacional. Igualmente, observou-se percepção com relação às possíveis implicações nas relações interpessoais e familiares. Em relação à construção do ser adolescente no contexto rural, identificamos a participação de representações sobre a adolescência de teorias do desenvolvimento humano, especialmente das psicologias do desenvolvimento.

Palavras-chave: *Adolescente; Tecnologias da Informação e Comunicação; Identities; Zona Rural; Representações Sociais.*

Abstract

This study aimed to analyze how Information and Communication Technologies participate in the identity construction of young people living in rural areas, identifying how adolescence is conceived by them. Specifically, we sought to verify the impacts of these technologies on their daily lives, with regard to uses and appropriations and possible effects in interpersonal relationships. Semi-structured interviews were used with students who live in the rural context and attend high school. The discussion and analysis were based on theorists of Cultural Studies and the Theory of Social Representations. Likewise, perception was observed regarding the possible implications for interpersonal and family relationships. Concerning the construction of being an adolescent in the rural context, we identified the participation of representations about adolescence from theories of human development, especially from developmental psychologies.

Keywords: *Adolescent; Information and Communication Technologies; Identities; Rural Areas; Social Representations.*

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo analizar cómo las Tecnologías de la Información y la Comunicación participan en la construcción de la identidad de jóvenes residentes en el medio rural, identificando cómo conciben la adolescencia. Específicamente, se buscó verificar impactos de estas tecnologías en su cotidiano, respecto a usos y apropiaciones, posibles efectos en las relaciones interpersonales. Se utilizaron entrevistas semiestructuradas con estudiantes de enseñanza secundaria residentes en contexto rural. La discusión y análisis se basaron en teóricos de estudios culturales y la Teoría de las Representaciones Sociales. Se encontró que las tecnologías participan en la construcción de la identidad de los participantes, porque su apropiación trasciende el uso relacionado al ámbito educativo. Asimismo, se observó la percepción sobre posibles implicaciones en relaciones interpersonales y familiares. En cuanto a la construcción del ser adolescente en el contexto rural, identificamos la participación de representaciones sobre la adolescencia desde las teorías del desarrollo humano, especialmente desde las psicologías del desarrollo.

Palabras clave: *Adolescencia; Tecnologías de la Información y la Comunicación; Identities; Medio rural; Representaciones Sociales.*

Introdução

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) vêm sendo incorporadas no cotidiano das pessoas, produzindo novas formas de identificação, revolucionando o papel dos meios de comunicação e os níveis de percepção individual e coletivo (Martín-Barbero & Rey, 2004). Ao possibilitarem a apropriação de novos saberes e linguagens e modificar as formas de socialização, comunicação, trabalho e lazer, as TIC podem estender seus efeitos sobre a cultura e a construção identitária.

Afinal, se considerarmos que as identidades são múltiplas e postas em conflito constantemente, sucumbindo umas, momentaneamente e, ao mesmo tempo, prevalecendo outras, em combate contínuo com outras na formação de si mesmas, em um contexto histórico específico, em estreita relação com a conjuntura sociocultural, política, econômica e afins (Hall, 2019; Castells, 1999/2013; Ciampa, 1984), não há como excluir a interação da construção das identidades com as TIC, em determinado contexto social. Nessa perspectiva, conforme o exposto por Antônio da Costa Ciampa (1984), não é possível dissociar o estudo da identidade do indivíduo do estudo da sociedade, isto é, as diferentes configurações de identidades estão relacionadas com as diferentes configurações da ordem social.

Logo, as identidades, em seu conjunto, refletem a estrutura social e, no mesmo íterim, reagem sobre ela transformando-a ou a conservando. Afinal, não só a identidade de uma pessoa constitui a de outra e vice-versa, levando em conta a interação social e as transformações da mesma, como a identidade não é fenômeno natural, mas social, mutável, histórico, fruto de diversos elementos, como biológicos, psicológicos, sociais, entre outros (Ciampa, 1984), especialmente dos grupos que integramos, compreendidos como relações intragrupais, bem como destes grupos para com outros grupos, enquanto relações intergrupais (Deschamps & Moliner, 2014).

Diante disso, no que tange aos usos e apropriações das TIC no meio rural brasileiro e os efeitos de seus usos e apropriações sobre a construção identitária, consideramos importante destacar que houve crescimento na utilização da Internet nos domicílios, o que contribuiu para reduzir a grande diferença em relação aos da área urbana (TIC Kids *Online*, 2019). Já no início do ano de 2020, diante da instauração da pandemia

de *Sars-cov-19 (Covid-19)*, usos e apropriações sofreram alterações, especialmente devido a utilização de recursos para acompanhamento das aulas em formato remoto (Painel TIC Covid-19, 2022; TIC Kids Online, 2022).

Tais fatores indicam a relevância de investigações acerca das possíveis alterações nos usos e apropriações das TIC no contexto rural. Afinal, considerando o exposto por Castells (2003), autor que argumenta sobre a necessidade de levar em conta as realidades nas quais a tecnologia aparece, as complexidades e os contextos de maior inserção ou desenvolvimento das habilidades de seus usuários, no que tange à análise da sociedade em rede, compreendemos que os usos e apropriações das TIC entre adolescentes que residem no contexto rural possuem especificidades.

Nessa direção, embora as investigações acerca das TIC e sua inserção e apropriação no meio rural ainda sejam incipientes¹, sobretudo pelas iniquidades no acesso aos recursos tecnológicos entre rural e urbano, devido à carência de investimentos e políticas públicas, estes contribuem para as práticas de sociabilidade, bem como para integração social, econômica e cultural entre as comunidades rurais e urbanas, favorecendo a chamada inclusão digital (Pessoa et al., 2022). Frente ao exposto, para além da dicotomia entre “rural” e “urbano”, tão presente em muitas das produções brasileiras e que deve ser superada, podemos nos questionar sobre os motivos para tal disparidade.

Essa discussão não é tão nova e vem ocorrendo por meio de reflexões acerca de como a Psicologia tem se relacionado com as questões da terra e, nesse sentido, do “rural” e sua complexidade. De acordo com as Referências técnicas para atuação das(os) psicólogas(os) em questões relativas a terra (2019), a atuação da Psicologia e seu exercício profissional no âmbito das ruralidades e das questões da terra são imprescindíveis para fazer essa ciência e profissão avançar na sua capacidade propositiva de contribuir com a transformação social. Esse compromisso deve ser assumido com os

¹ Em uma breve busca por artigos científicos publicados nos últimos 10 anos, junto ao Portal CAPES, por meio dos descritores “Adolescência”, “Tecnologias da Informação e Comunicação”, “Meio rural” e “Identidade”, operados pelo booleano *AND*, constatamos apenas 03 estudos. Os estudos (que integram uma investigação em construção) abordam o perfil sociodemográfico de profissionais da área das TIC, as TIC na educação continuada na educação superior e o uso da informática na aprendizagem de adolescentes escolares. Quando alteramos o descritor “Adolescência” por “Juventude”, encontramos apenas um artigo, o qual aborda a construção de conhecimento entre estudantes de ensino médio de uma escola na zona rural. Em nosso estudo, trabalhamos com a perspectiva de “juventude” e/ou “juventude rural”, embora discussões amplas e significativas estejam surgindo deste campo e deste recorte teórico e metodológico, em específico.

setores historicamente marginalizados, excluídos e submetidos à invisibilidade social em nosso país e é o compromisso que buscamos assumir, mesmo que de forma modesta, em nosso estudo.

Nessa perspectiva, devido às amplas alterações nas configurações do rural nos últimos anos, sobretudo diante do advento da dita Sociedade da Informação e seu caráter de abolir as distâncias espaciais e difundir as TIC ou, por outro lado, aumentar a exclusão (Castells, 1999/2013), não podemos mais tomar o rural em oposição (e obsolescência diante do) ao urbano, nem mesmo analisá-lo apenas como um conjunto das atividades agropecuárias e agroindustriais, à medida que diversas investigações têm evidenciado as limitações dessas classificações (rural e urbano) frente aos modos diversos de apropriação social do espaço (Carneiro & Amstel, 2019).

Não é novidade que o “rural” ganhou novas funções e atividades, entre as quais, conforme evidencia José Graziano da Silva (2002), figuram as não-agrícolas e/ou urbanas (trabalho assalariado na cidade, por exemplo) e as pluriatividades (combinação de atividades agrícolas - em tempo parcial - e atividades não-agrícolas) na ocupação dos membros familiares. Logo, apesar de existirem diferenças (renda, acesso a bens e serviços, incluindo o acesso às TIC, entre outros), a ideia de oposição cede lugar a um *continuum* espacial, no que diz respeito ao território e, ainda, às dimensões territorial, social e econômica (Graziano, 2002).

Objetivos

Diante dos apontamentos em questão e de um entendimento crítico acerca do adolescer, enquanto processo de “devir” e “vir-a-ser” (Berni & Roso, 2014; Ozella, 2008), o qual considera aspectos culturais e especificidades locais em sua construção, no presente estudo analisamos como as TIC participam da construção identitária de adolescentes que vivem na zona rural, identificando como o adolescer é concebido pelos mesmos. Especificamente, buscamos verificar os impactos das TIC no cotidiano dessas pessoas, no que tange aos usos e apropriações e possíveis efeitos sobre as relações interpessoais. A questão norteadora que movimenta essa escrita é: de que modos as TIC participam da construção identitária de adolescentes que vivem em um município rural?

Com o intuito de responder à questão de pesquisa e alcançar os objetivos do estudo, adotamos a perspectiva processual da Teoria das Representações Sociais - TRS (Arruda, 2005; Berni & Roso, 2014; Deschamps & Moliner, 2014; Jodelet, 2001; Moscovici, 2009), a qual busca analisar os processos, fases e características responsáveis pela construção de Representações Sociais (RS) e como essas interferem na interação social. As RS consistem em “uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, detentoras de um objetivo prático, que auxilia na construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Jodelet, 2001, p. 22).

Por intermédio dos processos de ancoragem (criar uma imagem de um objeto) e objetivação (atribuição de um significado) inerentes às RS, as pessoas conferem certos sentidos e significados a determinados fenômenos, os quais exercem efeitos em suas práticas cotidianas. Em nosso estudo, em específico, a abordagem processual das RS oferece suporte à compreensão de como os(as) adolescentes que residem no contexto rural constroem conhecimento sobre identidades e adolescências, bem como sobre a participação das TIC em ambos os processos.

Igualmente, em nosso estudo, buscamos apoio nas contribuições de teóricos(as) do campo dos Estudos Culturais - EC (Castells, 2003, 1999/2013; Hall, 2019; Martín-Barbero & Rey, 2004; Woodward, 2014), com o intuito de problematizar as concepções acerca das categorias sociais adolescência e adolescente, bem como possibilitar a reflexão sobre a participação das TIC na construção identitária de adolescentes no contexto rural. Nessa direção, os EC possibilitam discutirmos as lutas pela imposição de significados (e de representações, no que diz respeito à intersecção com as RS) acerca da identidade e, ainda, da categoria social adolescência, a partir da articulação entre identidade e diferença, ao passo que as posições identitárias ocupadas pelas pessoas são percebidas como plurais e relacionais, isto é, não existem sem o/um outro.

Método

Trata-se de uma investigação de natureza qualitativa, cujo enfoque responde a questões muito particulares, à medida que ela se preocupa “com um nível de realidade que não pode ser quantificado, posto que ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (Minayo, 2013, p. 21, 22). Tal

delineamento nos parece pertinente de aplicabilidade ao estudo, pois a identidade é um constructo teórico dificilmente observável empiricamente. A aproximação, por meio da observação e da descrição qualitativa possibilita a tradução da experiência dos/as participantes na pesquisa.

O estudo² foi realizado junto a 04 estudantes (01 do sexo masculino e 03 do sexo feminino, com idades entre 15 e 17 anos) de uma turma do 2º ano do Ensino Médio de uma instituição pública estadual, localizada no município de Lagoa Bonita do Sul, na região central do Estado do Rio Grande do Sul/RS, a cerca de 230 km da capital do Estado. Foram convidados a participar da pesquisa 40 estudantes (que se adequaram ao critério de inclusão ter entre 15 e 18 anos), mas não houve adesão, fato que creditamos à condução da pesquisa por ferramenta virtual, já que vivenciávamos o período crítico da pandemia da *Sars-CoV-2 (Covid-19)*, bem como ao formato de entrevista semiestruturada no formato remoto/*online*, que pode ter sido considerado pouco atrativo para os(as) participantes, ao passo que, naquele momento vivencial, a entrevista consistia em mais um espaço no qual estariam conectados, para além dos demais espaços (especialmente as plataformas digitais utilizadas pela escola) que já ocupavam.

No que diz respeito à construção das informações, enquanto recursos, recorreu-se à entrevistas semiestruturadas, com base em um roteiro previamente elaborado pelos(as) pesquisadores(as), contendo questões relativas aos usos e apropriações das TIC, à construção de identidades, ao adolescer e às experiências relacionadas à saúde (incluindo sexualidade e saúde mental) e a relação desta com as TIC. Especificamente, em relação aos usos e apropriações das TIC e à construção de identidades, o roteiro previa, entre outras questões, perguntas acerca de quais TIC eles(as) faziam uso, como procediam (se procediam) as suas apropriações, que sentidos eles(as) atribuíam a elas e como percebiam os impactos delas em seu cotidiano e, também, na saúde e saúde mental. Quanto às

² A pesquisa integra uma dissertação de mestrado intitulada “Tecnologias da Informação e Comunicação e identidades: diálogos com adolescentes em uma escola”, aprovada pelo Comitê de Ética em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria, sob o CAAE: 37234120.3.0000.5346. A dissertação teve como objetivo refletir acerca do processo de construção identitária na sua inter-relação com as TIC, a partir dos saberes, práticas e experiências de adolescentes que estudam em uma escola localizada em um município da região central do estado do Rio Grande do Sul (RS), Brasil. Em específico, buscou-se compreender como adolescer é concebido no contexto rural e de que modo(s) as TIC impactam o cotidiano dessas pessoas, principalmente no que tange à sexualidade, à saúde sexual e reprodutiva e à saúde mental, enquanto elementos que integram a dimensão identitária.

concepções acerca do adolescer, o roteiro previa questões a respeito do que é ser adolescente, o que significa adolescência e acerca das diferenças e semelhanças que percebiam entre eles(as) e pessoas que residiam em outro contexto social.

O roteiro das entrevistas semiestruturadas consistem em um instrumento que visa à delimitação de tópicos essenciais que contemplem as informações necessárias para a pesquisa, servindo como um guia da entrevista com itens indispensáveis para a investigação e que possibilite a abertura, ampliação e aprofundamento da comunicação (Minayo, 2013).

As entrevistas semiestruturadas ocorreram no mês de dezembro de 2020, via *Google Meet*, com duração de, aproximadamente, 1h00min a 1h30min, sendo gravadas por meio do recurso da própria ferramenta virtual. As entrevistas foram transcritas e, posteriormente, considerando os objetivos da pesquisa, as informações acessadas via entrevista foram classificadas em duas grandes categorias (Minayo, 2013), a partir de categorias “menores”, sendo elas: concepções acerca do adolescer; construção identitária e TIC.

Além disso, utilizamos a ferramenta metodológica da Observação Participante que, especialmente na TRS, evita a fragmentação do fenômeno estudado, além de permitir o contato e a integração com o cotidiano das pessoas e/ou do grupo estudado, bem como com a cultura local e, desse modo, torna possível o aporte das RS em seu contexto e o levantamento de informações diversas (Arruda, 2005; Jodelet, 2001; Moscovici, 2009). Ainda em relação à Observação Participante, salientamos que a primeira autora residiu no município em questão, ao longo de sua infância e adolescência, o que permitiu maior complexificação das descrições do campo.

Na análise das informações, empreendemos a discussão das categorias, por intermédio da articulação teórica entre pressupostos de autores do campo dos Estudos Culturais e da TRS, em sua abordagem processual, no que tange ao conceito de identidade. Também faz parte da sessão resultados (visto que utilizamos a Observação Participante), uma breve apresentação do campo de estudo. No que tange aos aspectos éticos, o projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo comitê de ética da Universidade Federal de Santa Maria. Igualmente, foi submetido à 6ª Coordenadoria Regional de Educação (6ª CRE), localizada em Santa Cruz do Sul.

Após o aceite da Escola Estadual de Ensino Médio José Luchese, foi realizado contato com a escola, sendo obtida a autorização institucional. A proposta também foi apresentada ao colegiado escolar, tendo sido aprovada para apresentação aos/às estudantes do Ensino Médio, por meio de vídeo, em virtude da suspensão das aulas, ocorrida no mês de março de 2020 e da situação sanitária de pandemia. Aos/às interessados(as) em participar do estudo, foi enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento, para que fosse obtida a anuência dos pais/responsáveis. Ao longo das entrevistas semiestruturadas foi obtida a autorização das gravações via Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz junto aos(às) participantes, cujos nomes foram substituídos por nomes fictícios a fim de garantir seu anonimato.

Resultados

Caracterizando o campo

No que tange ao campo de estudo e algumas de suas características, salientamos que a Escola Estadual de Ensino Médio José Luchese é a única escola do município a receber estudantes para o Ensino Médio, entre as 04 instituições de ensino atuantes no local. Situada no perímetro urbano do, funciona em dois turnos, distribuídos entre Ensino Fundamental (até o 9º ano) e Ensino Médio (1º, 2º e 3º ano), contemplando aproximadamente 10 turmas de ensino regular, contando com cerca de 240 alunos matriculados. O quadro de recursos humanos da escola é constituído por 36 funcionários, incluindo professores(as).

O território de Lagoa Bonita do Sul abrange 109.758 km² e conta com, aproximadamente, 2.939 habitantes, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2021). No que tange às suas origens, o município encontra seu marco nas primeiras incursões dos jesuítas e seus aldeamentos, na região do Vale do Rio Pardo (RS), no início do século passado. Na época, o local servia como rota de acesso aos municípios de Cachoeira do Sul (RS) e Soledade (RS), por meio da estrada dos tropeiros. O município emancipou-se da cidade de Sobradinho (RS) no ano de 1996, ocorrendo as primeiras eleições apenas no ano de 2000.

Entre as características locais, destaca-se o clima temperado subtropical, as formações montanhosas e a significativa presença de matas nativas e lagoas, uma delas,

inclusive, originou o nome da cidade. Destaca-se, ainda, a colonização alemã e italiana, que pode ser observada na arquitetura de algumas casas pertencentes ao patrimônio histórico e cultural. No ramo da atividade agrícola, conta com cultivo extensivo de tabaco (fumo), soja, milho e feijão, enquanto atividades agrícolas predominantes, além de pecuária e suinocultura. O cultivo agrícola é realizado nas pequenas propriedades, sob o encargo dos membros das famílias.

Em relação ao perímetro considerado urbano do território municipal, possui uma indústria de produção de tabaco, algumas lojas de confecções (roupas e calçados), 4 (quatro) mercados e 2 (duas) agropecuárias. No que tange às atividades de lazer, as comunidades locais contam com salão (nos quais são realizadas festas típicas ao longo do ano), campos de futebol, cancha de bocha (modalidade desportiva típica) e igreja (religião Católica Apostólica Romana predominante).

Em relação às belezas naturais do local, o município ganha destaque devido às lagoas de formação natural e os rios e córregos, ao longo do território. No entanto, as belezas naturais não têm sido valorizadas pela população local, em especial as(as) pessoas mais jovens, as quais optam por ir em busca de atividades de lazer nas cidades vizinhas, sobretudo aos finais de semana.

Em virtude da carência de atividades de lazer, a internet parece constituir uma ferramenta muito importante para as pessoas que residem no município. No entanto, sua utilização ocorreu mais intensamente nos últimos cinco anos, quando as empresas passaram a investir no local, operando mediante filiais na cidade de Candelária (RS), possibilitando a transmissão de sinal para Lagoa Bonita do Sul.

Quem são os(as) adolescentes?

Considerando que as identidades e o próprio processo de adolescer configuram fenômenos relacionais e plurais, tanto do ponto de vista da Teoria das Representações Sociais, quanto do Estudos Culturais, entendemos como relevante, inicialmente, trazermos algumas das características dos(as) participantes, bem como das atividades que desempenham junto ao seu meio social. O participante Bento (17 anos), morava com seus pais e trabalhava em atividades domésticas e agrícolas, além de ter um *hobbie* no ramo da fotografia, com o qual buscava ter uma fonte de renda. A participante Helena (15 anos) morava com sua mãe e seu pai, aos quais ajudava nas tarefas domésticas, no período em

que não estava na escola. A participante Joana (16 anos) residia com seus pais, auxiliando os mesmos no trabalho na lavoura e nos afazeres domésticos, no horário inverso às aulas e após o retorno da escola.

Por sua vez, Marcela (17 anos) morava com seus pais e seu irmão mais novo, sendo responsável pelo trabalho doméstico e pelo cuidado com o irmão, além de ajudar a família na lavoura, quando necessário, no contraturno das aulas. Destacamos, ainda, que os(as) participantes residiam no perímetro considerado, por ele(as), “rural” do município, distante do “perímetro urbano”, no qual a escola está situada. São adolescentes que trabalham, estudam e são responsáveis por integrar a renda da família.

Construção identitária e participação das Tecnologias da Informação e Comunicação

Considerando a dimensão da construção identitária, percebemos, ao longo do decurso da pesquisa, que a construção das identidades dos(as) participantes, enquanto “adolescentes rurais”, parece contar com a participação de um processo de atribuição de diferenças, no que diz respeito à diferenciação que atribuem àqueles(as) que consideram “adolescentes urbanos”.

As verbalizações dos(as) participantes apontam para essa diferenciação. “*Os adolescentes da cidade se vestem com roupas diferentes, falam diferente da gente, de quem mora aqui*” (Helena, 15 anos). “*Parece que quem vive na cidade é mais desinibido*” (Bento, 17 anos). Ainda em relação ao contexto rural, pelo qual atribuem, referem: “*aqui a gente vive no silêncio, na calma, é interior*” (Joana, 16 anos). “*Dá para sair menos preocupada com assaltos, perigos da cidade*” (Helena, 15 anos).

Nessa perspectiva, ele e elas referem a si mesmos(as) como adolescentes rurais, que vivem em um local longe da cidade, com pouco acesso à educação, tecnologias e oportunidades, apontando para uma diferenciação ancorada ao contexto social e ao cotidiano de vida, sobretudo no que tange às características do município, enfatizando as dimensões da agricultura, do trabalho e da localização geográfica, ao mencionarem perceberem algumas diferenças, entre elas:

“*Na distância, no tipo de trabalho. Aqui a gente trabalha na lavoura*” (Helena, 15 anos). “*Vejo as diferenças no tamanho, no trabalho. Lagoa Bonita é um lugar bem*

pequeno. Têm aqueles que plantam soja, plantam fumo, milho. Nós plantamos tudo isso, mas têm pessoas que só plantam um tipo de coisa” (Marcela, 17 anos).

Diante de suas verbalizações acerca do contexto no qual residem, compete destacarmos, que os(as) participantes almejam finalizar os estudos junto ao Ensino Médio e mudar-se do município, a fim de continuar os estudos e “trabalhar”. Interessante notar que no entendimento dele(as), os(as) cidadãos(as) são aqueles que ficam trancados em seus quartos, mas, ao mesmo tempo, são aqueles que parecem ter mais autonomia, mais acesso aos recursos tecnológicos, oportunidades de trabalho e formação acadêmica.

Nesse viés, parece haver a idealização do urbano, no sentido de realização pessoal e profissional, como exemplifica a participante Joana, ao relatar que: *“A gente que mora no interior, não tem como, por exemplo, trabalhar. Porque, os adolescentes de 16 anos já podem trabalhar (...) porque se eu morasse na cidade eu ia querer trabalhar pra poder ter o meu dinheiro”* (Joana, 16 anos). Situação semelhante é a do participante Bento (17 anos) que, antes mesmo de concluir o ensino médio, está indo morar na cidade de Santa Cruz do Sul, na qual deseja finalizar o terceiro ano e começar a trabalhar para custear a faculdade de Publicidade e Propaganda.

Ele acredita que *“o município não oferece oportunidades para as pessoas ficarem, aí elas vão embora. A gente quer trabalhar com outras coisas e ter condições de estudar”*. Para essas pessoas, é natural e necessário auxiliar os pais/responsáveis em um ou mais turnos do dia, a depender da quantidade de tarefas, reservando determinado horário para os estudos. Entretanto, no contexto rural, o trabalho parece não ser reconhecido como tal, à medida que por ele não recebem uma remuneração, um salário pela atividade desempenhada.

Em relação aos usos e apropriações das TIC, estes também são atribuídos como elementos que dizem da diferenciação em relação aos(às) que moram na cidade, uma vez que: *“Lá (na cidade), os adolescentes ficam trancados dentro dos quartos, passam muito tempo no celular”* (Joana, 16 anos). Por sua vez, no contexto rural, referem que *“não se tem muito acesso às coisas, às oportunidades de trabalho e estudo. Não temos muito acesso a algumas tecnologias também”* (Helena, 15 anos).

Apesar de existirem desigualdades no acesso às TIC, elas também são compreendidas como recursos tecnológicos úteis para negociar produtos advindos da produção agrícola: *“Aqui em casa a gente tá sempre vendendo alguma coisa, trocando.*

Aí o celular ajuda bastante a poder negociar com alguém pela internet, rede social” (Helena, 15 anos). De modo similar e, apesar das especificidades dos usos e apropriações das TIC entre meio urbano e rural, é interessante observar que elas estão sendo incorporadas como ferramentas de trabalho, para além da utilização na escola e na negociação de produtos agrícolas, conforme salienta o participante Bento: *“No meu caso tem outra finalidade por causa do trabalho. Às vezes viro a noite editando fotos e vídeos no computador”* (Bento, 17 anos).

Para além disso, uma questão importante e que emergiu nas verbalizações dos(as) participantes da pesquisa, diz respeito aos usos e apropriações das TIC (e possíveis efeitos) durante a pandemia da *Covid-19*. No contexto da escola José Luchese, adotou-se a modalidade de ensino remoto. Os(as) estudantes que possuíam acesso à internet recebiam as atividades escolares via *E-mail*³ e *WhatsApp*⁴ e compareciam às aulas *online*, por meio dos aplicativos *Google Meet* e *Classroom*⁵. Além de os(as) professores(as) permanecerem em teletrabalho para sanar as dúvidas durante as aulas *online*, aos/as que não contavam com acesso à internet, a escola passou a disponibilizar aulas programadas, que poderiam ser retiradas pelos pais e/ou responsáveis, à cada quinzena.

A partir das verbalizações dos(as) participantes, notamos que um dos principais modos de apropriação da internet reside nas pesquisas para fins de cumprimento das tarefas escolares: *“Agora com essa pandemia, é a base da internet. Principalmente para estudar, porque a gente tá fazendo as atividades em casa agora”* (Joana, 16 anos). *“Na pandemia uso mais. Tenho os trabalhos da escola para fazer e postar, acessar o Classroom, falar com professores e colegas”* (Helena, 15 anos).

Todavia, para além da utilização de TIC no contexto escolar, elas têm sido usadas mais intensamente no período pandêmico, sobretudo à noite, durante a madrugada: *“Uso mais o WhatsApp... manhã, tarde e noite. Principalmente para conversar com meus amigos e colegas. Geralmente, uso umas 5 horas por dia”* (Helena, 15 anos). *“Mais ou menos 4 ou 5 horas por dia, mas é de noite que eu uso bastante, de madrugada”* (Joana, 16 anos).

³ Recurso que permite o envio e o recebimento de mensagens pela Internet.

⁴ Aplicativo que permite a comunicação por chamada de vídeo.

⁵ Plataforma utilizada pelas escolas para distribuir e avaliar trabalhos de forma online e remota.

Em uma perspectiva similar, em relação à participação nos modos de exercer sociabilidade e interação social, as TIC têm sido úteis para aproximar distâncias e fortalecer laços afetivos familiares e de amizade, uma vez que elas são *“um meio apropriado pra gente se expressar, interagir com pessoas diferentes, com os familiares e para acompanhar pessoas que a gente admira”* (Helena, 15 anos). De forma similar:

“As tecnologias oferecem oportunidades para que a gente mantenha o convívio social com nossos amigos, com pessoas e culturas diferentes, se atualizar sobre as coisas. E tem a questão política. A gente tem que tá acompanhando, porque tem muita gente falando coisa errada nas redes. Ai é para tá se atualizando também, ver se as coisas são verdade, saber o que tá acontecendo no mundo” (Bento, 17 anos).

Os(as) participantes também apontam algumas preocupações em relação ao tempo de utilização do *smartphone*, por meio do qual acessam o *WhatsApp* e as redes sociais, pois pode *“causar insônia, atrapalhar o estudo e as nossas atividades no outro dia, por causa do sono”* (Helena, 15 anos). De modo similar, conforme relata a participante Joana: *“Por passar muito tempo em frente a tela, a gente perde tempo de passar com os pais, com as pessoas que a gente tem por perto”* (Joana, 16 anos).

Frente ao exposto, quanto ao diálogo com os pais e mães e/ou responsáveis, quanto aos usos e apropriações das TIC, especialmente do aparelho *smartphone*, as conversas sobre o conteúdo compartilhado e/ou acessado parecem restritas ao tempo excessivo de uso do aparelho. Além das possíveis dificuldades em dialogar sobre o tema, parece haver certo desconhecimento sobre os aparatos tecnológicos, conforme informam os(as) participantes: *“Eles não estão ligados nessas coisas de tecnologia, sabe? Porque eles são de uma época diferente, não tinham celular na minha idade”* (Bento, 17 anos). Afinal, os pais não dialogam *“porque eles não têm smartphone. Eles usam daqueles antigos, eles não têm acesso a Facebook, WhatsApp”* (Joana, 16 anos).

Concepções acerca do adolescer

No que se refere às concepções sobre o que é “adolescência” e “adolescente” para os(as) participantes, observamos a existência de concepções acerca da adolescência como fase do desenvolvimento, preparação para a vida adulta. Tal fato não causa surpresa, à medida que as RS que circulam acerca da adolescência e do(a) adolescente, na maioria

dos espaços cotidianos, têm essa conotação e fazem par com os discursos acadêmicos, sociais, midiáticos, políticos, públicos e científicos.

Na compreensão dos(as) participantes, a “fase da adolescência” é decisiva, um marco referenciado pela tomada de responsabilidades pela vida e pelo futuro, sobre a qual incidem novas cobranças do “mundo adulto”, pois é o momento que “... *a gente deixa de ser criança assume responsabilidades*” (Joana, 16 anos). “*Passa a ter mais atividades pra fazer, as tarefas da escola ficam mais difíceis, os pais cobram mais, conversam mais com a gente*” (Helena, 15 anos).

Eles(as) também referem que é um momento marcado por crises, instabilidade de humor e incertezas, pois “*ser adolescente é ter as emoções à flor da pele, tudo é insuficiente... nada está bom e sempre querer mais*” (Marcela, 17 anos). Também referem que “*É uma fase que a gente não sabe muito certo o que a gente vai fazer no futuro. De aproveitar mais a vida com os amigos, não ter tanta responsabilidade com as coisas*” (Joana, 16 anos).

Em uma perspectiva similar, os(as) participantes salientam que são vistos e representados como instáveis, desleixados, indispostos, repletos de incertezas frente à vida, à medida que “*As pessoas veem o adolescente como alguém que não sabe o que quer da vida*” (Joana, 16 anos). “*Pensam que ser adolescente é não querer nada com nada*” (Marcela, 17 anos).

Percebemos que tal diferenciação, segundo eles(as), também opera no contexto escolar, no qual eles(as) são divididos entre os(as) “responsáveis” e os(as) “sem futuro”, como evidenciam Joana e Bento: Na escola, “*os professores tentam repassar que os alunos têm que ter responsabilidade sobre o que eles fazem, né?*” (Joana, 16 anos). Todavia, “*sempre têm aqueles que não estão pensando no futuro, têm problemas em casa, às vezes, aí os professores ficam em cima, orientando*” (Bento, 17 anos).

Igualmente, ainda em relação à diferenciação, ela aparece em movimento de continuidade de si mesmo, ao passo que eles(as) atribuem determinadas características aos(às) outros, mas não a si mesmos(as): “*os adolescentes daqui são assim, têm aqueles que não querem nada com nada. Enquanto alguns se esforçam nas coisas, ajudam os pais nas tarefas, têm sempre aqueles que querem tudo pronto*” (Marcela, 17 anos).

Discussão

Constituição identitária: diferenciações, pertencimentos e usos e apropriações das TIC

Em concordância com o exposto por Stuart Hall (2009) e Kathleen Woodward (2014), entendemos que a identidade é construída por meio de um processo de relação e negociação pela diferença. Assim, as verbalizações dos(as) participantes apontam para essa diferenciação. Todavia, observamos que, para além da atribuição de diferenças entre eles e nós, os(as) participantes adotam características do cotidiano, tais como caracteres geográficos, socioeconômicos, históricos e culturais (Castells, 1999/2013) para falar de suas identidades; elementos estes que formam a base, por meio da qual, essas pessoas irão construir, por intermédio de um processo relacional e de negociação, suas identidades (Hall, 2009, 2019).

Deschamps e Moliner (2014), por sua vez, referem que a identidade é algo que serve para dizer da relação de uma pessoa para com as outras, no que diz respeito aos diferentes pertencimentos da mesma aos grupos dos quais faz parte (compreendidas como relações intragrupo) e destes para com outros grupos (relações intergrupais). Diante do exposto, no que tange ao grupo de pertencimento, acreditamos que é por meio do lugar de vida que os/as participantes constroem suas identidades, na relação com os demais (nós, os daqui) e na atribuição de diferenças relativas aos outros (eles, os da cidade), demarcadas pelos elementos do contexto onde vivem, numa relação de diferença para com o meio urbano.

Considerando a importância dos grupos (e do sentimento de pertencimento) na/para a construção das identidades na perspectiva da TRS, Philogène (1994) compreende que os grupos se definem geralmente por um sentimento de pertença subjetiva. No entanto, tal sentimento contém atributos positivos como fundamento para a construção da identidade, sendo que esta pode existir somente enquanto tal, quando em justaposição a todas as demais (aqui encontramos a diferença). Só existe o nós, em detrimento deles, só existe o eu porque existe o outro.

Então, nós somos natureza (rural) e eles são o progresso (cidade). Logo, existe um eu e um outro, bem, como um nós e um eles porque existe a oposição, tão característica da presença de alteridade. Por isso, a dualidade nos afetos. Consideramos, então, que a

relação entre os espaços sociais urbanos e rurais ocorre dialeticamente, mediante continuidades e descontinuidades que, embora constantes, não enfraquecem as diferenças que persistem nos elementos simbólicos que contornam e demarcam as identidades de adolescentes rurais.

Em uma direção similar, Deschamps e Moliner (2014) destacam três elementos que delimitam a identidade. No primeiro deles, a identidade é definida pelas características próprias e pertencimentos comuns de uma pessoa: nesse caso, pertencer ao contexto rural, fazer parte de determinados grupos (identidade social). Essas características e o sentimento de pertencimento também estão presentes quando os/as participantes falam sobre os grupos dos quais fazem parte.

No entendimento desses autores, o sentimento de pertencimento encontra-se atrelado às representações cognitivas-afetivas acerca das diferenças e semelhanças em relação aos outros, características da construção identitária. Nas suas interações cotidianas, a pessoa é levada a avaliar essas semelhanças e diferenças que possui em relação aos outros e, desse modo, “experimentar um sentimento de continuidade ou de fluidez do si-mesmo” (Deschamps & Moliner, 2014, p. 28).

Por sua vez, o segundo elemento que participa da delimitação da identidade remonta ao senso de continuidade nas diferenças, enquanto elemento constituinte da identidade pessoal (Deschamps & Moliner, 2014). Essa continuidade parece ocorrer quando se associa características transgressoras aos demais adolescentes, mas não a si mesmos (identidade pessoal). Outro modo de olhar para essa atribuição de diferença negativa, mediante a qual os(as) outros(as) adolescentes são transgressores e rebeldes, mas ela não, pode relacionar-se ao receio de ser vista como transgressora pela pesquisadora/entrevistadora, visto que a constituição da identidade pessoal passa pela atribuição de características a outros(as), por intermédio das quais ocorre a aproximação (semelhança, ser uma adolescente) e distanciamento (diferenciação, não ser transgressora).

Por último, o terceiro elemento diz respeito aos fatores que podem explicar de que modo(s) a identidade pessoal se constitui. Nesse caso, revela-se a importância do meio rural e de sua diferença em relação ao meio urbano, da condição socioeconômica dos(as) participantes, da escola, da cultura local e dos grupos dos quais eles(as) fazem parte, entre

outros, na constituição de suas identidades. Entre tais diferenças, os usos e apropriações das TIC despontam como fatores importantes no discurso dos(as) participantes.

Ainda no que diz respeito aos sentidos e significados das TIC no contexto de pesquisa, especificamente quanto ao diálogo entre os(as) participantes e seus pais/mães/responsáveis, destacamos que, comumente, são os pais que estabelecem regras sobre o uso de tecnologias (incluindo o *smartphone* e uso de internet) para os/as filhos(as), embora as orientações pareçam se restringir ao âmbito do limite de tempo de uso (Neumann & Missel, 2019). Uma possível explicação para o posicionamento dos pais, no que tange à utilização em demasia de internet e mídias sociais por parte de adolescentes, pode ser a ilusão de que seus filhos estão seguros em casa diante do computador (Ferreira et al., 2020).

Contudo, importa destacar que os usos e apropriações das TIC pelos pais/responsáveis dos(as) participantes podem estar condicionados, para além de questões geracionais e possível desconhecimento, a fatores de ordem financeira e dificuldades de cunho estrutural no meio rural. O risco de não levarmos essas condições e fatores em conta, pode contribuir para “naturalização” de RS acerca do rural como local de “atraso” e obsolescência, algo ainda tão comum em termos de representações e tão incoerente, quando em comparação às novas configurações assumidas pelo rural no cenário contemporâneo (Carneiro & Amstel, 2019), pois, considerando o exposto pelos(as) autores(as), é necessário refletir sobre o fato de que as categorias urbano e rural não se encontram em oposição, nem o urbano se sobressai ao rural, visto que a carência de acesso, bem como problemáticas de cunho estrutural e o próprio “desconhecimento” dos usos das TIC, por exemplo, não são condições exclusivas do rural, embora elas estejam presentes no discurso do(as) participantes.

Por outro lado, pensando na ideia de um *continuum* entre urbano e rural, igualmente é necessário considerar que as TIC têm sido utilizadas nas propriedades para além da “modernização da agricultura”, ao passo que têm sido incluídas também pelas escolas e como ferramentas que favorecem a sociabilidade entre os(as) adolescentes locais e suas famílias.

Adolescer no contexto rural: representações sobre ser adolescente

A partir das verbalizações dos(as) participantes, percebemos que as concepções acerca do que é “ser adolescente”, bem como sobre o que é “a adolescência”, parecem articular-se com apropriações de RS de adolescência oriundas da psicologia do desenvolvimento. Nesse sentido, podemos falar de uma apropriação (ou, em outros termos, integração) do universo reificado/saber científico pelo universo consensual/saber do senso comum dos(as) participantes. Afinal, as RS nascem da articulação desses dois campos de saber, o senso comum e o universo reificado, este representado por algumas teorias da psicologia do desenvolvimento, que atribuem características universais ao ser adolescente.

Por outro lado, também verificamos a circulação de representações acerca da adolescência como fase de turbulências emocionais, caracterizadas por mudanças repentinas de humor, crise identitária e momento de preparação para a vida adulta. Essas representações parecem aproximadas da chamada Síndrome da Adolescência Normal (Aberastury & Knobel, 2003). De forma resumida, a Síndrome da Adolescência Normal, diz respeito à uma fase na qual o(a) adolescente passaria por desequilíbrios e instabilidades extremas, tanto em relação às relações familiares e sociais quanto em ao corpo, à sexualidade e ao mundo. Essas instabilidades também estariam na origem de uma “busca de si mesmo”, na direção de uma constituição identitária, cujo “desfecho”, após essa fase específica de intensas transformações, residiria na conformação de personalidade e maturidade ditas adultas.

Frente ao exposto, o que é importante salientar, sustentados(as) em uma perspectiva crítica, diz respeito à necessidade desmistificar a existência de uma adolescência universal e homogênea, bem como de um período específico de “crise, visto que a categoria social adolescência consiste em uma construção social, histórica e econômica, entre outros (Berni & Roso, 2014; Ozella, 2008).

Diante disso, no que concerne aos(às) participantes, é necessário atentarmos para o fato de que eles(as) não vivem essa “adolescência ideal”, nem mesmo essa “moratória” idealizada, “à espera de”, e seu processo de adolescer, embora apresente articulações com essa concepção de adolescência em alguns pontos específicos, possui especificidades próprias. Afinal, eles(as) estão imersos em uma cultura diversa, na qual o trabalho faz parte da constituição dessas pessoas desde muito cedo, posto que, enquanto moradores da zona rural, a geração de renda e o sustento da família depende do engajamento de

todos/as, à medida que é necessário *“tirar um horário para fazer os trabalhos da escola, porque sempre ajudo na lavoura ou em casa. Os pais cobram a gente e, quando chega nessa fase, as cobranças aumentam bastante”* (Helena, 15 anos).

Frente ao exposto, apesar de compreendermos que existem especificidades, especialmente no trabalho desempenhado, percebemos que esse fato não parece diferenciá-los das vivências dos “adolescentes urbanos”. Afinal, conforme sinalizam Oliveira e Rosa (2019) a depender da classe social e do acesso a bens de consumo, o trabalho precoce, por meios informais, para garantir a renda familiar, é uma das características marcantes no contexto de famílias em situação de vulnerabilidade social (Souza, Panúncio-Pinto, & Fiorati, 2019).

Desse modo, essas pessoas não parecem incluídas em um adiamento de responsabilidades, menos ainda parecem gozar de uma fase dedicada exclusivamente aos estudos e à preparação para o mercado de trabalho, como supõe a moratória social. Muito pelo contrário, eles(as) são convocados, desde muito cedo, a contribuir para garantir a sua sobrevivência, mas, igualmente, contribuir para o patrimônio familiar. Acerca disso, podemos argumentar que, no que versa sobre “a adolescência” e “o(a) adolescente”, muito das RS difundidas, especialmente por meio das mídias sociais, diz de uma (no singular, homogênea, universal) adolescência problemática, consumista e em conflito (Santana, Libório, & Oliveira, 2023).

Ademais, considerando o contexto social e histórico dos(as) participantes, no que diz respeito à aparente desvalorização do trabalhador(a) rural (fator pode auxiliar no entendimento do motivo pelo qual eles(as) não reconhecem a participação na renda e atividades agrícolas da família como trabalho), possivelmente, esse fato pode estar associado com a exploração do trabalhador rural pelo capitalismo que, por intermédio do agronegócio, se apropria da produção do pequeno produtor rural.

A exploração ocorre por meio da compra do produto da pequena propriedade, realizada por grandes agroindústrias e corporações, por preço muito inferior ao seu real valor, o que culmina na pauperização dos(as) pequenos(as) agricultores(as). Conseqüentemente, a ideia de que o(a) pequeno(a) produtor(a) é autônomo(a), é uma das ilusões do capitalismo, ao passo que este também passa a ser visto como improdutivo para o capital, enquanto é explorado por meio de seu trabalho, hipoteticamente não remunerado (Araújo, 2019; Pedrão, 2017).

Esse cenário, atrelado à carência de políticas públicas voltadas ao fortalecimento da agricultura familiar, podem desestimular a permanência da população jovem no meio rural (Oliveira; Mendes & Vasconcelos, 2021). É o que parece ocorrer com os(as) participantes de nosso estudo, à medida que, apesar do afeto evidente em suas verbalizações acerca do local no qual vive, almejam concluir os estudos no Ensino Médio e ir morar na cidade, com o intuito de receber um salário e dar continuidade aos estudos.

A partir desses apontamentos, o adolescer, em uma perspectiva processual e crítica (Berni & Roso, 2014; Ozella, 2008), como “vir-a-ser”, processo não estático, mas volátil e articulado às dimensões sociais, culturais, econômicas, políticas, históricas e às especificidades locais, deve ser compreendido como construção sócio-histórica que comporta, também, a interação da pessoa com outros e com um contexto de vida. Neste caso, considerar que o “rural” não mais como simples oposição dicotômica ao “urbano”, nem como sinônimo de atraso (o “Jeca⁶”) e ou do agronegócio, e sim como *continuum*, em relação com o urbano, possibilita olharmos e reconhecemos modos de adolescer singulares, que podem espelhar características e experiências similares à de outros(a) adolescentes.

Considerações finais

Ao retomarmos a questão norteadora “De que modos as TIC participam da construção identitária de adolescentes que vivem no contexto rural?”, assim como os objetivos deste estudo, identificamos que as TIC participam da construção de identidades de adolescentes rurais. Percebemos que as TIC estão inseridas e sendo apropriadas pelo(as) participantes, em seu dia a dia, para fins de lazer, sociabilidades e ferramentas de trabalho, para além de sua utilização em atividades escolares, no decurso da pandemia de Covid-19.

⁶ Refere-se ao personagem Jeca Tatu, criado pelo escritor paulista Monteiro Lobato, para fazer referência ao “trabalhador rural improdutivo”. Figura e metáfora muito utilizada como símbolo nacional, especialmente pelo discurso sanitarista/higienista, o “Jeca” visava representar o atraso, a preguiça, a doença, a carência de intelectualidade, entre outras características associadas ao rural e ao “caipira”, mas, fundamentalmente, ao Brasil, considerado um país agrário, pobre, injusto e atrasado.

Considerando a dimensão identitária e o ser/estar adolescente no contexto rural, verificamos que as TIC participam ativamente dos modos de ser e adolescer dos(as) participantes, uma vez que sua apropriação é apontada como um diferencial entre os “adolescentes urbanos” e “adolescentes rurais”, apesar de algumas aproximações nos usos e apropriações que nos permitem falar de um *continuum* entre ambos. Constatamos que a(s) diferença(s) e, em decorrência, a alteridade, se faz presente na atribuição de oposições e diferenciações entre “rural” e “urbano”.

De modo similar, as oposições entre “da cidade” e “os do interior”, bem como entre “eles” e “nós”, constituem modos de adolescer diversificados e, em oposição, embora também diferenciados entre os(as) próprios(as) participantes em seu cotidiano de vida. Todavia, é válido destacarmos que, embora existam especificidades entre os “adolescentes urbanos” e os “adolescentes rurais”, evidenciamos que muitas das vivências dos(as) participantes parecem aproximar-se daquelas experienciadas por adolescentes e jovens em situações de vulnerabilidades no contexto urbano. Essa informação torna possível cogitarmos a presença de um marcante aspecto de classe em ambas as situações, para o qual devemos atentar em nossas pesquisas, pois corremos o risco de inviabilizá-lo.

No que diz respeito às RS acerca “do(a) adolescente” da “adolescência”, observamos que os(as) participantes aproximam esses fenômenos de um viés adultocêntrico, entendendo suas vivências a partir de crescimento/aumento de certos atributos, tais como responsabilidade, necessidade de trabalho, mas, igualmente, repleto de incertezas e instabilidades. Desse modo, as RS acerca do que é “adolescência” e “adolescente” parecem vincular-se à apropriação de teorias da psicologia do desenvolvimento (universo reificado) pelos(as) participantes, com o intuito de dar conta do fenômeno do adolescer em seu cotidiano (universo consensual), embora essas RS pareçam não dar conta do que eles(as) trazem de suas vivências enquanto adolescentes que moram em um município rural e de pequeno porte, em termos territoriais.

Nesse viés, destacamos que, não raro, devemos atentar para a intensa participação das mídias sociais, em especial a mídia televisiva, na produção de RS acerca do(a) adolescente e da adolescência. Essas RS naturalizam e cristalizam a existência de “uma” (no singular) adolescência, em detrimento do caráter fluído, volátil, em aberto e em devir que caracteriza o adolescer como um processo. É necessário, especialmente em uma

perspectiva crítica, tão necessária no escopo da Psicologia, atentar para as especificidades locais, para aquilo que esses(as) adolescentes trazem como diferenças e, portanto, como potencialidades. Isto é, reconhecer o adolescer ou as adolescências em suas pluralidades e singularidades e, assim, valorizá-las.

Um detalhe interessante reside na ausência de menção aos aspectos corporais, tão comentados quando se fala e pensa em adolescência. Sobre isso, talvez possamos argumentar que falar sobre/do corpo pode ser constrangedor, já que esse corpo, hoje, passa a ser cada vez mais mediado pelas TIC, dificultando o registro material, corpóreo. Esse registro também teve de encontrar adaptações e sofrer os efeitos de um momento pandêmico, no qual as incertezas sobre o futuro e a vida, assim como a necessidade de presença são marcantes.

Diante disso, compete destacarmos que, em relação à pandemia, apesar de não ser um dos objetivos de nossa pesquisa falar especificamente sobre ela, seus atravessamentos e efeitos ganharam relevo na fala dos(as) participantes, para além da menção às TIC, às plataformas digitais e ferramentas utilizadas pela escola, com as quais tiveram de adaptar-se. Para eles(as), a pandemia, assim como para muitas pessoas, em meios às quais nos incluímos, pois foi necessário adaptar os passos do estudo, causou alterações importantes em sua rotina e práticas cotidianas, sobretudo no âmbito de suas relações pessoais. Não raro, os(as) participantes mencionaram utilizar as TIC para conversar com seus amigos(as) e familiares e para buscar informações sobre política, a pandemia e para acompanhar pessoas que admiravam. Essas informações demonstram que, muito além da intensificação do “uso demasiado” (informação que não deixa de ser relevante) das TIC, devemos atentar para as potencialidades e possibilidades de “fazer rede” que elas também possibilitaram.

Em relação às limitações deste estudo, enfatizamos a entrevista semiestruturada por meio de ferramenta virtual, pois pensamos que o mais adequado seria tratar de determinados temas por meio de grupos focais e/ou rodas de conversa, com possibilidade de participação dos pares de nossos(as) participantes. No campo das sugestões, incentivamos a realização de estudos que possam abordar os impactos da pandemia de *Covid-19* no ensino e aprendizagem de adolescentes que residem em municípios rurais e de pequeno porte. Também reiteramos a relevância de pesquisas que se ocupem das diferenças entre usos e apropriações das tecnologias no contexto rural, no que tange ao

aspecto geracional (diferenciais entre pais e filhos/as), às condições socioeconômicas e às relações de gênero associadas ao uso de TIC e efeitos do uso sobre a saúde integral, sobretudo a saúde mental.

Sugerimos, ainda, investimento na implementação de políticas públicas que incentivem à permanência no local, à medida que o êxodo rural é uma realidade enfrentada no município e, de modo similar, apontada por nossos(as) participantes. Entendemos, ainda, que é de extrema importância articular as potencialidades de existências (no) rural, entre elas as belezas naturais e o espaço fértil para o desenvolvimento de atividades de lazer, com as TIC, que já parecem integradas ao cotidiano local. Por fim, a questão elementar parece ser: como aliar as TIC sem que se perca o proveito da beleza da cidade? Uma vez que eles(as) mesmos(as) nos indicam que não querem “ficar trancados nos quartos”.

Referências

- Aberastury, A., & Knobel, M. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- Araújo, G. S. (2019). O capitalismo e a apropriação da natureza: usos, consequências e resistências. *Geosp – Espaço e Tempo*, 23(1): 112-123. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2019.115218>
- Arruda, A. (2005). Despertando do pesadelo: a interpretação. In Moreira, A. S. P., Camargo, B. V., Jesuíno, J. C., & Nóbrega, S. M. (Orgs). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais* (pp. 229-258). João Pessoa: Editora Universitária da UFPB.
- Berni, V. A., & Roso, A. (2014). A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. *Psicologia & Sociedade*, 26(1): 126-136. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100014>
- Carneiro, M. J. T., & Amstel, J. M. N. V (2020). Repensando as categorias rural e urbano na favela. *Geograficidade*, 9(2): 76-89. doi: <https://doi.org/10.22409/geograficidade2019.92.a28944>
- Castells, M (2003). *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade* (Maria Luiza X. de A. Borges, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- Castells, M. (1999/2013). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Comitê Gestor da Internet no Brasil (2020). Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil 2018. *Núcleo de Informação e*

Coordenação do Ponto BR. Recuperado de https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20201123093344/tic_kids_online_2019_livro_eletronico.pdf

- Ciampa, A. C. (1984). Identidade. In Wanderley C., & Lane, S. T. M. (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento* (pp. 58-75). São Paulo: Brasiliense.
- Conselho Federal de Psicologia (2019). *Referências técnicas para atuação das(os) psicólogas(os) em questões relativas à terra*. Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas. Brasília, DF. Recuperado de <https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-dasos-psicologasos-em-questoes-relativas-a-terra-2/>
- Deschamps, J. C., & Moliner, P. (2014). *A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais* (Lúcia M. Endlich Orth, Trad.). São Paulo: Editora Vozes.
- Ferreira, E. Z., Oliveira, A. M. N., Medeiros, S. P., Gomes, G. C., Cezar-Vaz, M. R., & Ávila, J. A. (2020). A influência da internet na saúde biopsicossocial do adolescente: revisão integrativa. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73(2): 1-9. doi: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0766>
- Hall, S. (1992/2019). *A identidade cultural na pós-modernidade* (Silva, T. T., & Louro, G. L., Trad.). Rio de Janeiro: Lamparina.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021). *Cidades e Estados*. Recuperado de <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/lagoa-bonita-do-sul.html>
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In Jodelet, D. (Ed.). *As representações sociais* (pp. 17-44). Rio de Janeiro: UERJ.
- Martín-Barbero, J., & Rey, G. (2004). *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Senac.
- Minayo, M. C. S. (2013). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Moscovici, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 6. ed. Petrópolis: Vozes. 2009.
- Neumann, D. M. C., & Missel, R. J. (2019). Família digital: a influência da tecnologia nas relações entre pais e filhos adolescentes. *Pensando Famílias*, 23(2), 75-91. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000200007
- Oliveira, M. F., Mendes, L., & Vasconcelos, A. C. V. H. (2021). Desafios à permanência do jovem no meio rural: um estudo de casos em Piracicaba-SP e Uberlândia-MG. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 59(2): 1-19. doi: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.222727>

- Ozella, S. (2008). Desmistificando a concepção de adolescência. *Cadernos de Pesquisa*, 38(133): 97-125. doi: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742008000100005>
- Pedraõ, F. P. (2017). Condições sócio estruturais da produção rural no Brasil. *Extensão Rural*, 24(2): 7-21. doi: <https://doi.org/10.5902/2318179627375>
- Pessoa, J. D. N., Pinto, G. L., Lourenzani, A. E. B. S., & Moraes, N. R. (2022). O uso das tecnologias de informação e de comunicação no acesso à informação pela juventude rural. *Journal of Engineering, Architecture and Technology Innovation*, 10(1): 490-506. Recuperado de <https://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/inovae/article/view/2516>
- Philogène, G. (1994). “African American” as a new Social Representation. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 24(2): 89-109. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1468-5914.1994.tb00248.x>
- Santana, E. S., Libório, I. S., & Oliveira, I. M. (2023). Representações sociais de adolescentes em conflito com a lei: uma análise da opinião pública em redes sociais. *Mnemosine*, 19(2): 243-65. doi: <https://doi.org/10.12957/mnemosine.2023.76222>
- Silva, J. G. (2002). *O novo rural brasileiro*. São Paulo: Editora Unicamp.
- Souza, L. B., Panúncio-Pinto, M. P., & Fiorati, R. C. (2019). Crianças e adolescentes em vulnerabilidade social: bem-estar, saúde mental e participação em educação. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 27(2): 251-269. doi: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1812>
- TIC Kids Online (2022). Tabelas de proporções, totais e margens de erro amostral para download (versões em português, inglês e espanhol). Crianças e adolescentes. *Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação*. Recuperado de <https://cetic.br/pt/tics/kidsonline/2022/criancas/>
- Wanderley, M. N. B. (2013). *Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro*. Pernambuco: Editora Universitária da UFPE.
- Woodward, K. (2014). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In Silva, T. T. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (pp. 7 –720). São Paulo: Vozes.